

CHAPEUZINHO VERMELHO: UMA PERSPECTIVA NO COMBATE À VIOLÊNCIA INFANTIL¹

*LITTLE RED HAT: UNA PERSPECTIVA EN LA LUCHA CONTRA
LA VIOLENCIA INFANTIL*

Vera Lúcia Reinert de Souza²
Everaldo da Silva³
Wellington Lima Amorim⁴

RESUMO: A violência no contexto infantil é uma realidade que abala o cotidiano no qual estamos inseridos. É mister a necessidade de se promover ações que possibilitem que essa realidade possa ser modificada e que as vítimas vislumbrem formas de manifestação. O presente artigo tem por objetivo reconhecer que o conto da Chapeuzinho Vermelho pode servir como suporte no combate à violência infantil, de forma que a criança se sinta confortável e segura para expor situações concretas de perigo. A metodologia adotada para o desenvolvimento deste estudo foi uma pesquisa bibliográfica. Como base teórica se fundamentou nos autores Silva (2013), Coelho (1999), Amarilha (2002) e Corso (2006), dentre outros, que apresentam subsídios para a delimitação e apresentação do tema. Além disso, o artigo reflete o que está descrito na Base Nacional Comum Curricular e no Estatuto da Criança e do Adolescente, procurando contemplar algumas áreas temáticas orientadas pela SED/SC, do curso de especialização em Educação e Segurança Humana. Considera-se que a literatura contribui para a apresentação do mundo para os sujeitos e que, a partir dela, é possível analisar diferentes quadros, dentre estes o da violência infantil.

Palavras-Chave: Violência infantil. Chapeuzinho Vermelho. Literatura infantil. BNCC. Estatuto da Criança e do Adolescente.

RESUMEN: *La violencia en el contexto de la niñez es una realidad que sacude la vida cotidiana en la que estamos insertos, es necesario impulsar acciones que permitan modificar esta realidad y que las víctimas visualicen formas de*

¹ O estudo foi realizado mediante a conclusão do curso de pós-graduação em “Educação e Segurança Humana”, realizado pela Secretária de Educação de Santa Catarina (SED/SC) e financiado pelo programa UNIEDU. Bolsista do Curso Direcionado de Especialização em Educação e Segurança Humana do Programa de Bolsas Universitárias de Santa Catarina, com recursos do Fundo de Apoio à Manutenção e ao Desenvolvimento da Educação Superior – UNIEDU/FUMDES.

² Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci. Especialista em Educação e Segurança Humana pelo Centro Universitário de Brusque. Link do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2543765424603278>. lu.reinert@terra.com.br

³ Doutor em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professor do curso de pós-graduação em Direito do Centro Universitário de Brusque. Link do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0029501595403337>. prof.evesilva@gmail.com

⁴ Doutor Interdisciplinar em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professor do Departamento de Desenvolvimento Regional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Link do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8435602742904295>. wellington.amorim@gmail.com

manifestación. Este artículo tiene como objetivo reconocer que la historia de Caperucita Roja puede servir de apoyo en la lucha contra la violencia infantil, para que el niño se sienta cómodo y seguro para exponer situaciones concretas de peligro. La metodología adoptada para el desarrollo de este estudio fue una investigación bibliográfica. Como base teórica, se basó en los autores Silva (2013), Coelho (1999), Amarilha (2002) y Corso (2006), entre otros, quienes presentan subsidios para la delimitación y presentación del tema. Además, el artículo refleja lo descrito en la Base Curricular Nacional Común y en el Estatuto de la Niñez y la Adolescencia, buscando contemplar algunas áreas temáticas orientadas por la SED / SC, del curso de especialización en Educación y Seguridad Humana. Se considera que la literatura contribuye a la presentación del mundo a los sujetos y que, a partir de ella, es posible analizar diferentes escenarios, incluido el de la violencia infantil.

Palabras Clave: *Violencia infantil. Caperucita Roja. Literatura infantil. BNCC. Estatuto del Niño y del Adolescente.*

1 INTRODUÇÃO

É notório que a criança vem ganhando espaço no decorrer do tempo. Se no passado ela era apenas um adulto em miniatura, que não possuía qualquer direito, hoje, ela tem esses direitos garantidos em lei. Protegê-las é um dever da família e do Estado. Conviver com a violência dentro do universo infantil tem-se mostrado demasiadamente difícil. A criança violentada, de qualquer forma, em sua grande maioria, não fala sobre o assunto. Ela sofre calada. Fazer com que ela se coloque no papel da personagem, instigá-la a conversar sobre o assunto por meio de um conto tão popular foi um dos motivos da escolha dessa temática, encontrando formas de tirá-la desse sofrimento e punir os responsáveis. Afinal, a impunidade faz com que o problema permaneça. Mesmo com a proteção garantida no papel, a realidade tem se mostrado cruel. Crianças são violentadas todos os dias, das formas mais perversas e inesperadas. Como o silêncio delas, é fator primordial para que esses ataques continuem ocorrendo, fazê-las sentirem-se seguras para quebrar esse silêncio é de extrema urgência na luta de livrá-las desse tormento.

A escola é o ambiente perfeito para abrir essa porta. Afinal, é na escola, que um novo mundo é descortinado e, quando a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) expõe que “nas últimas décadas, vem se consolidando, na Educação Infantil, a concepção que vincula educar e cuidar, entendendo o cuidado como algo indissociável do processo educativo [...]” (BNCC, 2018) é notável que se faz necessário ter a sensibilidade, a competência e o suporte para perceber quando a criança pede socorro. É nesse sentido que o conto da Chapeuzinho Vermelho pode ser um dispositivo para despertar na criança a vontade de mergulhar neste universo de imaginação, de aventuras e perigos. Fazer com que essa leitura possibilite uma ampliação dos sentidos, de percepção de mundo e que atribua significados a cada momento do cotidiano da criança e que a induza a falar. Nesse sentido, iniciamos os estudos a partir da seguinte pergunta norteadora: Como o conto Chapeuzinho Vermelho pode

auxiliar na abordagem da temática sobre violência no contexto da educação infantil?

A par disso, o artigo teve como objetivo geral reconhecer que o conto da Chapeuzinho Vermelho pode servir como suporte no combate à violência infantil, de forma que a criança se sinta confortável e segura para expor situações concretas de perigo. Como objetivos específicos buscou-se apresentar a temática da violência infantil no âmbito escolar; descrever formas de trabalhar o conto da Chapeuzinho Vermelho no universo infantil e; diferenciar como a utilização do conto pode estimular a criança a se sentir mais confortável e segura para expor situações de violência. Dessa forma, o presente artigo pretende questionar e levantar hipótese na perspectiva de que o conto Chapeuzinho Vermelho possa encontrar os lobos, que tão bem se escondem dentro da sociedade. O artigo está embasado, além de outras fontes, na Base Nacional Comum Curricular e no Estatuto da Criança e do Adolescente, procurando contemplar algumas áreas temáticas orientadas pela SED, do curso de especialização em Educação e Segurança Humana.

O presente artigo constituiu-se de uma pesquisa qualitativa, já que os resultados desta não serão traduzidos em números. Teve o propósito de gerar conhecimento para aplicações práticas, gerando subsídios para a abordagem de tão delicado tema. Trata-se também de uma pesquisa exploratória, ou seja, objetiva um engajamento com o problema, tornando-o explícito. O levantamento dos dados foi bibliográfico, embasado em autores já consagrados no assunto. Foram estruturadas algumas reflexões bibliográficas buscando reafirmar as proposições aqui pontuadas, para tornar mais consistente o papel, o espaço do conto Chapeuzinho Vermelho como um dispositivo de segurança dentro do contexto da Educação Infantil, com o objetivo de tornar a criança mais aberta a compartilhar seus medos e suas dúvidas. Vale ressaltar que o artigo está dividido em três partes: na primeira analisa-se a origem da literatura, discorrendo sobre as simbologias que são abordadas em cada história. Na segunda aborda-se uma análise crítica acerca do conto da Chapeuzinho Vermelho e seu processo de associação com a violência infantil. Por fim, ao longo do terceiro tópico, trabalha-se a ideia da violência infantil na escola, levando em consideração os dados analisados ao longo do tópico antecedente. Para concluir, nas considerações finais apresenta-se a síntese das ideias trabalhadas ao longo do texto.

2 A GÊNESE DA LITERATURA INFANTIL E O VIÉS DE FORMAÇÃO

A infância é um período na vida humana concebida de diversas formas em diferentes momentos na história. No dizer de Rousseau [...] A infância tem maneiras de ver, de pensar e de sentir que lhes são próprias; nada é menos sensato do que querer substituir essas maneiras pelas nossas. (ROSSEAU, citado por SILVA, 2013, p. 33). Discorrendo sobre a forma como a infância foi tratada na antiguidade, predominava-se a ideia de que era do ponto de vista cognitivo, um período de pouco desenvolvimento para as crianças. Assim sendo, logo que terminava a dependência física, as crianças eram inseridas no mundo adulto. Assim, trabalhavam com os adultos e testemunhavam nascimentos, doenças, morte, guerras, execuções, dentre outros processos naturais da vida em sociedade. Um desses processos diz respeito ao reconhecido lugar nas

tradições comuns, pois a criança participava da narração de histórias, cantos e jogos (ZILBERMAN, 2002). Este mesmo autor ainda afirma que o surgimento da literatura infantil se respaldou em um contexto social de ascensão da família burguesa, em uma nova concepção de infância e reorganização escolar (ZILBERMAN, 2002). Os primeiros livros escritos para as crianças foram criados no final do século XVII, na Europa Ocidental. Acerca desse aspecto, Coelho (1999, p. 12) revela que:

quando hoje falamos nos livros consagrados como clássicos infantis, os contos-de-fada ou contos maravilhosos de *Perrault*, *Grimm* ou *Andersen*, ou as fábulas de *La Fontaine*, praticamente esquecemos (ou ignoramos) que esses nomes não correspondem aos dos verdadeiros autores de tais narrativas. São eles alguns dos escritores que, desde o século XVII, interessados na literatura folclórica criada pelo povo de seus respectivos países, reuniram as estórias anônimas, que há séculos vinham sendo transmitidas, oralmente, de geração para geração, e as transcreveram por escrito.

As obras fabulistas de *La Fontaine* e os contos de fadas de *Perrault* foram reunidas em coletâneas. Ambos os autores valorizavam a fantasia, o imaginário e o maravilhoso. A partir do final do século XVII, e durante o século XVIII, criam-se os primeiros livros dedicados às crianças. Esses eram escritos por professores e pedagogos, com a função de moralizar o comportamento e reforçar os valores sociais vigentes. De acordo com Amarilha (2002), valendo-se dos critérios pedagógicos os livros que compunham as bibliotecas dos adultos foram adaptados para as crianças. Como não havia o objetivo estético, predominando o caráter educativo, as narrativas traziam poucas imagens, ignorando o lúdico e a fantasia. Amarilha (2002, p. 6) enfatiza que “o estilo marcadamente pedagógico e moralizante das primeiras manifestações dessa Literatura fez com que essa modalidade de ficção fosse considerada menor, uma vez que a ela se associava a minoridade de seu destinatário.”

Tratava-se de livros de leitura semelhantes a cartilhas, sem preocupação com a estética. Embora fosse importante usá-los na alfabetização das crianças, não podia ser considerado literatura, porque se tratava de um emaranhado de frases com fim instrucional. No ano de 1921, Monteiro Lobato rompe com a literatura disseminada na época, criando o livro *A menina do Narizinho arrebitado*. Monteiro Lobato utilizou o livro infantil como meio de expressão da criança e não somente como instrumento para educá-la. A respeito da importância de Lobato para a literatura infantil, Zilberman *apud* Teixeira (2002, p. 18) afirma que:

o papel exercido por Monteiro Lobato no quadro da literatura infantil nacional tem sido seguidamente reiterado, e com justiça. É com este autor que se rompe (ou melhor, começa a ser rompido) o círculo de dependência aos padrões literários provindos da Europa, principalmente ao que diz respeito ao aproveitamento da tradição folclórica. Valorizando a ambientação local predominante na época, ou seja, a pequena propriedade rural, Monteiro Lobato constrói uma realidade

ficcional coincidentemente com o leitor de seu tempo e inventa o Sítio do Picapau Amarelo, além disto, não apenas utiliza personagens nacionais, como cria uma mitologia autônoma que se repete em quase todas as narrativas; eis porque a presença constante de Pedrinho, Tia Anastácia, o Visconde, Emília, Narizinho, Dona Benta. É igualmente razão de seu êxito literário e estético o emprego de crianças como heróis o que possibilita uma identificação imediata com o leitor.

As ideias de Monteiro Lobato colidiram com a preocupação em criar um livro infantil interessante para a criança e que atendesse a seus anseios de prazer e recreação. Lobato sentiu a necessidade de criar histórias com ilustrações para encantar as crianças e adentrá-las no mundo da imaginação. Diante das modificações sociais, do fortalecimento da área educacional e da valorização da Literatura Infantil, redescobre-se a fantasia, por meio da fusão do real com o imaginário, desvinculando-se do realismo restrito, imposto anteriormente. Assim, a produção para as crianças passa a não objetivar somente a leitura na escola, mas a ser divulgada como forma de entretenimento. (COELHO, 1999). Oliveira (2007) chama a atenção para o mundo maravilhoso que a literatura infantil proporciona às crianças, sendo um elemento fundamental para auxiliar a resolver conflitos interiores nessa fase de suas vidas. Ao imitar os personagens da história, a criança se apropria de vários elementos de sua realidade por meio da fantasia, dos sonhos e da imaginação. As histórias mexem com o emocional, produzindo fortes emoções e ao mesmo tempo reações. Tudo isso estimula a criança a se tornar um leitor, um inventor, um criador e até mesmo um contador de história. Como afirma Almeida (2012), a criança deve ouvir, contar e ler histórias adequadas à sua idade para que fantasiem e sonhem com as aventuras de seu imaginário. É nesse sentido que esperamos que o Conto Chapeuzinho Vermelho auxilie no desmembramento da violência no cotidiano de crianças que buscam por ajuda. Afinal, quando nos deparamos com notícias que remetem a maus-tratos em crianças.

3 A LITERATURA E OS CONDICIONANTES HISTÓRICOS SOCIAIS, MORAIS E AFETIVOS

A literatura e sua variedade de textos podem ser veiculadas às crianças e jovens, proporcionando-lhes o mergulho em um universo significativo e contextualizado, com acesso ao mundo da fantasia e do fantástico, estimulando a criatividade, bem como a construção da identidade. Portanto, contar e ouvir histórias são essenciais para o desenvolvimento afetivo e cognitivo das crianças. Entende-se que os elementos constituintes dos temas literários: identidade, direitos, liberdade, normas, amor, dentre outros, estão representados e expressos por meio da linguagem de diversos autores. Nos tempos remotos as histórias eram transmitidas de forma oral e tinham muita significação. Seja em momentos familiares ou em rodas de conversas. Elas geralmente se remetiam a um rito de passagem, que toda criança passaria para atingir a fase adulta. Diana e Mario Corso expõem que, “entre as heranças simbólicas que passam de pais para filhos, certamente, é de inestimável valor a importância dada à ficção no

contexto de uma família. Afinal, uma vida se faz de histórias – a que vivemos, as que contamos e as que nos contam.” (CORSO, 2006, p. 23).

É importante delimitar o estudo na sala de aula como um espaço de interação e motivação, visando à criação de valores, à autonomia do educando e à reflexão, para que estes aprendam a pensar e a questionar a realidade desde a primeira etapa da educação básica. Da experiência de aprender com a literatura, Amarilha assevera que “pelo processo de viver temporariamente os conflitos, angústias e alegrias dos personagens da história, o receptor multiplica as suas próprias alternativas de experiências do mundo, sem que com isso corra algum risco” (AMARILHA, 2002, p. 19). O ambiente favorável torna possível o processo de maturação, mas o ambiente não faz o homem, somente possibilita a concretização do seu potencial, pois este não nasce determinado. O homem é lançado no mundo, em um vir-a-ser, portanto é incompleto. Nas palavras de Winnicott (1983, p. 82), “todos os processos de uma criatura viva constituem um vir-a-ser, uma espécie de plano para a existência”.

Nesse sentido, a inclusão do indivíduo num ambiente cultural é parte essencial de sua própria constituição como pessoa. O ser humano não pode ser privado de contato com um grupo cultural, pois a cultura lhe fornecerá instrumentos que possibilitarão o desenvolvimento das atividades psicológicas. Vygotsky (1988) afirma que o desenvolvimento da espécie humana e do indivíduo se fundamenta no aprendizado, o qual envolve interferência direta ou indireta de outros indivíduos. Assim, esses outros indivíduos podem ser um irmão mais velho, a professora, a própria mãe ou um personagem e suas ações em um livro de literatura. Nas histórias, o mal está proposto por meio de muitos obstáculos a serem vencidos, apresentando escolhas de solução que permitem a vitória, auxiliando na construção da identidade. No próximo tópico abordaremos a importância das histórias para o desenvolvimento psíquico, da autoestima, afetividade e identidade. Assim, como apresentado ao longo dos tópicos anteriores, a literatura consegue ser entendida como um processo representativo de diversas áreas da sociedade. Nesse contexto, tomando por base o objetivo geral desta obra, será analisado ao longo dos próximos tópicos o conto da Chapeuzinho Vermelho e sua ligação com a violência infantil.

4 CHAPEUZINHO VERMELHO X LOBO MAU

No século XVII, Jean Charles Perrault nos apresenta Chapeuzinho Vermelho. A menina de aldeia, linda e adorada por sua mãe e avó. Todos a conheciam por Chapeuzinho Vermelho devido ao pequeno chapéu vermelho, presente de sua avó, que ela sempre usava. Certo dia, sua mãe pede para que ela vá até a casa da sua avó, que estava doente, para levar bolos folhados e no caminho encontra o Sr. Lobo, muito atencioso e simpático, que lhe pergunta para onde ela estava indo. Inocente, a menina conta exatamente aonde está indo e onde sua avó mora. O Lobo rapidamente vai para a casa da avó e a devora. Quando a menina chega à casa daquela, o Lobo, que já está na cama da avó, muda sua voz e diz para a menina entrar e a convida para deitar-se com ele. Chapeuzinho obedece, surpreende-se com o corpo da avó. Quando a menina faz a pergunta de por que estes dentes tão grandes? Ele responde que é para te comer. E, ao dizer essas palavras, o malévolo lobo se lançou sobre

Chapeuzinho Vermelho e a comeu. (PERRAULT, 2005). Nessa primeira versão Chapeuzinho é literalmente devorada pelo Lobo. Sem qualquer chance de defesa. Na moral do conto, Perrault (2005, p. 236) salienta que “[...] crianças pequenas, sobretudo meninas pequenas, bonitas, de belas formas e gentis, fazem muito mal em escutar qualquer tipo de gente [...], [...] tanto é assim que o lobo a come [...]”. Ainda sobre o assunto Silva (2013, p. 44) ainda destaca, que:

Perrault questiona na moral da história algo que na pós-modernidade se constata em qualquer delegacia de polícia e nas literaturas científicas específicas: o fato de o lobo seguir a menina para o interior de sua casa e do seu quarto para atacá-la. Na mesma moralidade, faz refletir sobre o comportamento de seu malfeitor, alertando não se tratar de um ser malvado e irritadiço, pelo contrário, apresenta-se com elegância e bom humor facilitando uma aproximação amistosa com a vítima.

Continuando nesse contexto, percebemos que a jovem é enviada por sua mãe para casa de sua avó que, devido às suas comodidades físicas, precisa que a jovem faça essa entrega. Para além, a idosa também está inserida em um momento de doença, o que deixa ainda mais os argumentos apresentados pela figura de autoridade da mãe da personagem verídicos. Assim sendo, partindo de uma análise relacionada ao processo de violência infantil, é possível identificar os primeiros traços nesse processo, pois, a criança estava submetida a todo o tempo à figura da sua mãe que poderia, de maneira agressiva, fazer com que a criança obedecesse aos seus comandos. No decorrer do trecho abaixo é possível vislumbrar esse processo:

Vem aqui, Chapeuzinho Vermelho, leve este bolo e esta garrafa de vinho à sua avó. Ela está fraca e doente e esses presentes lhe farão bem. Vá depressa, antes que o dia esquente, não se demore pelo caminho nem corra, para não cair e quebrar a garrafa e deixar sua avó sem vinho. Quando chegar não se esqueça de desejar: “Bom dia”, educadamente, sem ficar reparando em tudo. (CORSO, 2006, p. 285).

Destarte, é importante ressaltar que o processo de construção das obras literárias direcionadas para os jovens e crianças possui uma linguagem mais amena, isto é, os autores tratam os sujeitos como seres ingênuos e fáceis de serem conduzidos pelos adultos dominantes. Assim, insere-se mais um pressuposto entrelaçado à violência já que, a partir do falar e do processo de conduzir as crianças, é possível que estes fiquem passivos diante de possíveis atos violentos que possam ser aplicados de forma física ou psicológica. Assim sendo, vale ressaltar que:

a palavra violência vem do termo latino *vis*, que significa força. Assim, a violência é abuso da força, usar de violência é agir sobre alguém ou fazê-lo agir contra sua vontade, empregando a força ou a intimidação. É forçar, obrigar. É também brutalidade: força brutal para submeter alguém. É sevícia e mau-trato, quando se trata de violência psíquica e moral. É cólera, fúria,

irascibilidade, quando se trata de uma disposição natural à expressão brutal dos sentimentos. É furor, quando significa o caráter daquilo que produz efeitos brutais. (VERONESE; COSTA, 2006, p. 101).

Dessa forma, levando em consideração a violência infantil, é possível mensurar que esta pode acontecer de diversas maneiras: doméstica, física, sexual, psicológica, negligência e, que de forma direta e objetiva, podem ser classificadas como psicológica e física, as quais serão retratadas ao longo do conto da Chapeuzinho Vermelho. Ao longo do processo de elaboração do conto supramencionado, o autor destaca que a criança é encaminhada por sua mãe, assim como citado anteriormente, para casa de sua avó e, ao longo desse processo, aparece o terceiro personagem principal, o qual se solidifica, nas histórias apresentadas as crianças na América do Norte, como um “lobo mal” que, por meio de técnicas de manipulação, faz com que a criança o conte o que está fazendo e como pretende desenvolver a tarefa direcionada por sua mãe. No decorrer do trecho abaixo é possível identificar esse processo.

- Bom-dia, Chapeuzinho Vermelho – cumprimentou o lobo.
- Bom-dia, lobo.
- Aonde vai tão cedo, Chapeuzinho Vermelho?
- À casa de minha avó.
- Que está levando em sua cesta?
- Bolo e vinho. Assamos o bolo ontem [..]
- Onde mora sua avó, Chapeuzinho?
- A mais ou menos quinze minutos de caminhada. A casa dela fica à sombra de três grandes carvalhos [...]. (ESTÉS, 2005, p. 285).

A partir desse processo é possível concluir os apontamentos associados à perspectiva trabalhada pela obra, os quais, devido à afirmação de que as crianças são seres ingênuos e que conseguem ser alienadas, Chapeuzinho Vermelho foi inserida nesse contexto. Vale ressaltar, porém, que o lobo, na visão da personagem, poderia ser identificado como uma figura com mais autoridade. Assim sendo, torna-se notório que a violência infantil acontece, de forma objetiva e direta, por causa da credibilidade que as crianças podem distribuir para os mais diversos indivíduos que adentram o seu processo construtivo enquanto ser social.

4.1 A VIOLÊNCIA INFANTIL: O LOBO MAU

Como apresentado ao longo do tópico anterior, a literatura infantil apresenta diversos casos associados ao processo de violência infantil e, dessa maneira, levando em consideração o conto da Chapeuzinho Vermelho, é possível fazer uma análise direta da construção desse processo. A figura do lobo, a qual foi supramencionada no tópico precedente, aplicou um processo de questionamentos sobre a personagem e, de maneira direta, conseguiu obter respostas para obter sucesso no seu plano relacionado à violência. Nesse momento, a história chega ao seu ápice e, desta maneira, consegue mostrar

como a violência infantil é apresentada. Tomando, por exemplo, o processo construído ao longo do conto, percebe-se que antes de se acontecer o processo de violência infantil, diversos momentos são vivenciados pela criança, dentre eles o processo de questionamento e investigação por parte do violentador. Após isso, acontece o ápice, que seria classificado como a conclusão e o sucesso do plano desenvolvido. Nesse contexto, é notório que as crianças, representadas pela personagem do conto, são seres capazes de discernir momentos, porém, devido à cultura de autoridade presente na sociedade contemporânea, podem ser alienadas e, dessa maneira, submetidas a um processo de violência infantil. No dizer de Corso:

Um abismo separa as intenções de um pedófilo da capacidade de compreensão da criança de quem ele se aproveita. Infelizmente, para as pobres vítimas desse crime, é justamente essa inocência curiosa que seduz o abusador: o contraste entre a condição adulta de seu propósito e a infantilidade da vítima. (CORSO, 2006, p. 55).

Parece inconcebível que, um conto do século XVII possa nos servir de alerta para os perigos que rondam as crianças do século XXI. De acordo com Perrault (2005) à Chapeuzinho Vermelho continuaria extremamente necessário nos dias atuais, e que nem toda a tecnologia ao nosso alcance tem sido capaz de proteger as Chapeuzinhos do nosso tempo do Lobo Mau que continua solto, disfarçado e cada vez mais feroz. Sem dúvidas, a criança ganhou voz no decorrer do tempo,

A ideia de pensar as crianças como seres singulares e com peculiar fase de desenvolvimento tem como desdobramento o reconhecimento desses como sujeitos de direito. Até mesmo em termos de legislação, essa garantia dada pelos principais documentos referentes aos direitos da criança é datada de épocas recentes, como a declaração aprovada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 1959, ou o ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente, precisamente a Lei n. 8.069 de 13 de julho de 1990. (SILVA, 2013, p. 31).

Também é possuidora de direitos, de proteção e de cuidados, como reforça o artigo 5º do Estatuto da Criança e do Adolescente quando deixa claro que:

Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais. (BRASIL, 1990).

Realmente na teoria a criança está amparada. Mas, infelizmente, estatísticas mostram que mesmo com a proteção no papel, na prática as crianças continuam vítimas caladas, de adultos que deveriam protegê-las. Dados do Sípia

informam que no período de janeiro de 2020 a janeiro de 2021, ocorreram em Santa Catarina, 90 casos de violência física aplicados a crianças na faixa etária de 0 a 5 anos de idade. Nessa mesma faixa etária 95 crianças sofrem abuso sexual no nosso estado e 40 sofreram abuso psicológico. (BRASIL, 2021). Levando em consideração que a maior parte do tempo esses seres são submetidos ao processo de ensino e aprendizagem dentro do ambiente escolar, analisar o processo de violência infantil nesse recinto se torna necessário.

5 ESCOLA: DESAFIOS E CONCEPÇÕES PARA TRATAR A VIOLÊNCIA INFANTIL E COMBATER O LOBO MAU APRESENTADO NO CONTO TRABALHADO

Historicamente, a educação ancorou-se no pensamento clássico que a qualificava como uma instituição política. Nesse período, a principal tarefa dos governantes era justamente proporcionar a educação aos cidadãos da elite. Mesmo sem a existência de escolas, o Grego Platão (427-347 a. C.) foi considerado o primeiro pedagogo, tendo sido responsável por projetar um sistema educacional, integrando-o a uma dimensão ética e política. (ARANTES, 2006). Para Platão (427-347 a. C.), o objetivo da educação dizia respeito à formação do homem de moral, vivendo em um estado justo. Nesse aspecto, defendia toda virtude como conhecimento, esclarecendo que a busca desta deveria prosseguir por toda a vida, sendo assim, a educação não podia se restringir apenas aos anos que correspondiam à juventude. (ARANTES, 2006).

Aristóteles (384-322 a. C.) defendia, também, o ensino para a virtude, acreditando que esse era o caminho para viver bem. Nesse sentido, a virtude, para ele, era uma prática contínua, devendo se tornar um hábito. Afirmava, também, que a educação é o caminho para a vida pública, cabendo a esta formar o caráter do aluno. Nessa acepção, para Aristóteles, nem todos os seres conseguem ter oportunidades para cumprir o ciclo em sua plenitude, uma vez que as potencialidades são múltiplas. No entanto, o ser humano só será feliz se der para o mundo sua melhor contribuição. Logo, caberá à educação a responsabilidade por fornecer essas condições. (ARANTES, 2006). Considerando a rapidez com que o mundo se transforma, em virtude das mudanças de valores e das novas perspectivas que se colocam para a humanidade, os homens, organizados em sociedade, utilizam-se da educação para perpetuar seus valores. A educação se institui enquanto uma realização coletiva que forma indivíduos criativos independentes e aptos a descobrirem, em conjunto, o conhecimento. É, acima de tudo, um dos mecanismos que proporciona aos indivíduos a liberdade de escolhas, a responsabilidade e a confiança em si mesmo. (ARANTES, 2006).

Torna-se imprescindível deixar claro que vivenciamos um quadro social em que as desigualdades são notórias com problemas relacionados à violência, drogas, degradação do meio ambiente, dentre outros. Orienta-se que para a abordagem da violência à pessoa se deve agir com ética, respeito e consideração, tendo compromisso e responsabilidade em relação aos princípios morais, como também sobre as consequências das decisões que serão tomadas. (ARANTES, 2006). Nesse contexto, a dinâmica social se define por meio dos confrontos entre os que buscam conservar e/ou alterar as formas de

distribuição do capital e as relações de força/poder. Os conflitos têm no *habitus* o elemento determinante da ação. As posições sociais ocupadas pelos indivíduos constituem o campo, o qual condiciona a conduta das pessoas e grupos, definindo a estrutura na qual o *habitus* irá agir (BOURDIEU, 2004). Assim, o homem precisa aprender que o que se faz com a natureza repercute, em todos os aspectos, sobre a vida na terra.

A construção da identidade tem a ver com a inserção do indivíduo em um grupo social. Nesse contexto, o grupo social que o indivíduo faz parte é fundamental em sua vida, pois é a primeira referência de socialização. É nele que aprenderá os principais valores que o acompanharão por toda a sua vida, norteando-o quando necessitar tomar decisões. Desse modo, torna-se responsável pela educação embasada na aquisição de valores, crenças e conhecimentos, ordenando sua conduta e oferecendo apoio emocional para resolver problemas e conflitos ao integrar-se à sociedade. Na mesma acepção, representa uma referência de identidade porque com essa roca de ideias, afina interesses, cria um eu e um nós específicos. É na sociabilidade da escola que acontece a dinâmica das relações, as quais definem os amigos mais próximos e os mais afastados, respondendo às necessidades de comunicação, solidariedade, autonomia, identidade. Nesse processo é de suma importância o engajamento da escola como propulsora de mudanças, de reflexões dos conteúdos, dos projetos a serem trabalhados, da sociedade que se quer atingir. Formar cidadãos comprometidos com a solidariedade, o respeito às diferenças e ao combate a qualquer tipo de violência. Isso é o que propõe a Base Nacional Comum Curricular, ou seja, a necessidade do desenvolvimento integral do estudante.

Em síntese, a BNCC aponta que a Educação Básica brasileira deve promover a formação e o **desenvolvimento humano global** dos alunos, para que sejam capazes de construir uma **sociedade mais justa, ética, democrática, responsável, inclusiva, sustentável e solidária**. Isso significa orientar-se por uma concepção de Educação Integral (que não se refere ao tempo de permanência do estudante no espaço escolar ou a uma determinada modalidade de escola). (PENIDO, 2021).

É notório que a escola deve desempenhar vários papéis, que não somente os da aprendizagem, mas os de educar e incluir, integrar e preparar as crianças para enfrentar as barreiras que interferem e interferirá no seu desenvolvimento como ser humano.

6 DISMISTIFICANDO O LOBO MAU

O lobo mau está presente de várias formas no cotidiano infantil. Encontrá-los e combatê-los se faz necessário. É dever da família, da comunidade, do Estado proteger este ser infantil, que na maior parte do tempo não entende o porquê de estar sendo punido, violentado. Ao ser apresentada ao conto, de forma gradual e sistemática a criança poderá encontrar subsídios para expor o que sente. Corso esclarece que:

O importante é termos claro que a criança é garimpeira, está sempre buscando pepitas no meio do cascalho numeroso que é servido pela vida. A relação da infância com as histórias fantásticas é antiga e sólida, o que nos leva a convicção de que essa ficção é preciosa para as mentes jovens (CORSO, 2006, p. 29).

Buscar formas para ajudá-las nesse processo de descobertas é tarefa árdua, mas que podem trazer resultados muito satisfatórios, “[...] essas trocas entre adultos e criança, tendo os contos como intermediários, podem operar como uma espécie de diálogo inconsciente”. (CORSO, 2006, p. 29). O primeiro passo do educador é se aprofundar no conto, conhecer suas nuances. No dizer de Corso “Chapeuzinho é uma criança com a ingenuidade de quem não sabe – e ainda não suporta saber – sobre o sexo, mas sua intuição lhe diz que há algo a mais que anima os seres humanos. (CORSO, 2006, p. 53). Trabalhar esses aspectos, e hoje a BNCC abre muitos leques, pode desobstruir várias camadas de angústias infantis. Corso vai além quando salienta que “O conto Chapeuzinho Vermelho trabalha o tema da sexualidade infantil dentro do território do possível e necessário para as crianças pequenas. Ter uma sexualidade, sabê-la e exercê-la são três coisas bem distintas. (CORSO, 2006, p.55). A escola não pode se omitir dessa responsabilidade. Num mundo extremamente globalizado, em que os lobos estão em toda a parte, as Chapeuzinhos do Século XXI não podem estar desamparadas nesta floresta que muitas vezes é chamada de lar.

7 DESAFIOS DA ESCOLA PARA TRATAR A VIOLÊNCIA INFANTIL A PARTIR DO CONTO DE CHAPEUZINHO VERMELHO

Na Grécia antiga, o berço da civilização ocidental, a educação inicialmente foi voltada à formação do cidadão para a vida política. A educação tinha esse objetivo, porque se visava preparar os indivíduos para viver coletivamente na *polis*⁵. A polis foi uma criação decisiva para o desenvolvimento social, cultural e educacional dos gregos (BOLLIS, 2013). Buscava-se a formação de um elevado tipo de Homem. Para preparar o homem para seu tempo, os gregos criaram o sistema educacional chamado Paideia. De acordo com Freitas (2018, p.6):

Por paideia entende-se, então, a formação integral da criança, do paidós, daquele que se pretende que assuma uma forma, ideia adequada às disposições necessárias à vida na pólis. Paideia pode ser compreendida, portanto, como a formação do homem que tem suas potências na criança, entendendo-se que a formação começa desde cedo.

Nesse contexto, para o filósofo Platão (427-347 a. C.), o objetivo da educação dizia respeito à formação do homem de moral, a virtude, a justiça e o bem comum. Nesse aspecto, defendia toda virtude como conhecimento,

⁵ Cidade-Estado, imediações da cidade, reunião de cidadãos num certo território e sob o jugo da lei, a mais perfeita forma de associação humana, a comunidade política por excelência (BOLLIS, 2013).

esclarecendo que a busca desta deveria prosseguir por toda a vida, sendo assim, a educação não podia se restringir apenas aos anos que correspondiam à juventude. (DANIELI; CATTELAN, 2010). Aristóteles (384-322 a. C.) defendia o ensino à formação de um caráter virtuoso no indivíduo, acreditando que esse era o caminho para viver bem. Nesse sentido, a virtude, para ele, era uma prática contínua, devendo se tornar um hábito. Afirmava, também, que a educação é o caminho para a vida pública, cabendo a esta formar o caráter do aluno. (SIQUIEROLI, 2018). Nessa acepção, para Aristóteles, preocupa-se com a formação do homem e suas virtudes, a fim de que se possa alcançar a plenitude da vida coletiva, pois, por meio da virtude o homem pode viver e agir melhor. Para ele a criança é um ser incompleto que necessita ser cuidada e seu desenvolvimento deve ser estimulado para que se torne um indivíduo virtuoso. (GARCIA, 2009). De acordo com Melo e Correa (2013, p. 3):

Segundo a concepção Aristotélica, aquilo que você se propõe a fazer, faça-o bem feito, com excelência. A atitude de exercer bem esta função prática (seja ela qual for) levaria a um 'bem viver'. Deste modo, o conceito de ação torna-se um ponto fundamental, pelo qual o homem deve praticar suas aptidões ao máximo, e na medida em que busca aperfeiçoar-se também galga o pleno desenvolvimento de suas disposições naturais.

Na atualidade ainda se considera que a educação deve preparar o homem para viver harmonicamente em sociedade, e que a função social da escola é propiciar condições para que o indivíduo desde a tenra idade aprenda valores éticos e morais. A educação sempre teve uma função na formação da sociedade. A adoção de novos hábitos, comportamentos e a construção de novas crenças é feita por meio da educação formal. A educação se institui como uma realização coletiva que forma indivíduos criativos independentes e aptos a descobrirem, em conjunto, o conhecimento. É, acima de tudo, um dos mecanismos que proporciona aos indivíduos a liberdade de escolhas, a responsabilidade e a confiança em si mesmo (RODRIGUES, 2001). No contexto da sociedade atual, em que são perpetradas violências contra as crianças é preciso que a educação assuma o compromisso com a formação de atitudes éticas no estudante, com uma prática pedagógica articulada com a visão de mundo, desenvolvendo aptidões para garantir aos educandos o exercício da cidadania, para que se tornem adultos conscientes de suas responsabilidades e com o compromisso de respeitar as pessoas, gerando uma vida social de harmonia.

A escola deve desempenhar vários papéis, que não somente os da aprendizagem, mas os de educar e incluir, integrar e preparar as crianças para enfrentar as barreiras que interferem e interferirá no seu desenvolvimento como ser humano. Enfrentar o desafio de abordar o tema da violência contra a criança a partir de história e contos infantis é uma perspectiva. Praticar a leitura na infância contribui para que a criança desenvolva o gosto pela leitura. Além disso, cabe salientar que por meio dos contos de fadas as crianças podem desenvolver valores éticos e morais. Os professores precisam estar preparados para trabalhar com tudo o que as crianças trazem para a sala de aula. Isso significa trabalhar as necessidades e os interesses destas. A contação de histórias prepara professores para construir com as crianças os conceitos de empatia e

de respeito. As histórias são ferramentas metodológicas que permitem que o professor desenvolva concepções de mundo, com vistas à compreensão dos prejuízos da violência infantil.

8 SUGESTÕES PARA ABORDAR O TEMA DA VIOLÊNCIA INFANTIL COM BASE NO CONTO DA CHAPEUZINHO VERMELHO

A escola prepara o cidadão não somente no nível intelectual e nas relações, mas para a vida em sua totalidade. A sociedade é diversa, plural. O ensino deve preparar os estudantes para as múltiplas necessidades culturais, sociais e econômicas da sociedade. As histórias infantis como base neste projeto vêm ao encontro de uma proposta interdisciplinar, que alia as áreas de conhecimento ao processo de ensino e de aprendizagem com foco na alfabetização no letramento. Nesse intuito, abordar a violência infantil tendo a literatura como meio possibilita a construção de valores de contribuir para a formação humana.

Compreendendo a literatura como a construção imaginária da vida e do pensamento em formas e estruturas de linguagem, integradas em um conjunto de símbolos que provocam uma experiência estética, tem-se nela um grande aliado para possibilitar transmitir valores éticos e morais, incluindo aqueles relacionados com o combate à violência infantil. Um dos modos de trabalhar o texto de Chapeuzinho Vermelho e abordar a questão da violência infantil é levar os alunos no espaço da biblioteca. Esse espaço tem uma perspectiva acolhedora para propiciar a estimulação para a leitura e para que os alunos possam manter a atenção na leitura. A biblioteca escolar é um grande aliado do professor para estimular as crianças no processo de leitura. É lugar de encanto e magia. Outro meio de desenvolver a leitura e tema com os alunos da educação infantil é que o professor prepare um cantinho da leitura. Criar os cantinhos de leitura em sala de aula e deixar que os alunos fiquem à vontade para explorar e manipular os livros é uma atividade que permite motivar os alunos da educação infantil para a leitura (GONÇALVES, 2013). Nos cantinhos de leitura o professor poderá propiciar um momento para que os alunos possam expressar suas ideias sobre o que está sendo discutido a partir do conto de Chapeuzinho Vermelho.

Para Roque e Canedo (2013), o cantinho da leitura é um local dentro ou fora da sala de aula, onde ficam dispostos diversos livros, gibis e revistas para serem utilizados de forma espontânea pelas crianças, conforme sua vontade e seus interesses. De acordo com essas autoras, esse local permite o acesso a diferentes tipos de texto, aguçando a curiosidade. Sofás, uma mesa redonda com cadeiras e um tapete emborrachado formam um espaço acolhedor para os pequenos leitores, permitindo que cada um se coloque da forma como se sente mais confortável, associando leitura e prazer (ROQUE; CANEDO, 2013). Outro recurso didático que poderá ser utilizado pelo professor é o desenho. Por meio do desenho as crianças poderão expressar a representação de formas de combater a violência infantil a partir da história que ouviram. Inúmeras são as formas de abordagem, fazer a Chapeuzinho visitar a escola e apresentar toda a gama de versões que estão disponíveis para serem trabalhadas possibilitam a abertura de muitos projetos. A criança que sofre violência clama por um

“caçador”. Agora mais do que nunca com o retorno à escola. É nessa instituição que está uma das maiores fontes de proteção que uma criança necessita.

9 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Pretendeu-se com esta abordagem, subsidiar o professor para que este, por meio do conto, possa detectar de forma lúdica, possíveis violências que a criança possa estar sofrendo, apresentando às crianças as diversas versões do conto Chapeuzinho, seja pela contação, de teatro, de desenho. O importante é que a criança se sinta livre para escolher o personagem que deseja representar. Deve-se proporcionar à criança momentos em que ela “entre” na história e seja protagonista dessa história. Que ela se sinta segura para se expressar e quebrar algum círculo vicioso que esteja vivenciando. A literatura, há muito vem se configurando uma forte aliada no contexto escolar. Desde os primórdios ela é sinônimo de transformação, de passagem.

O conto Chapeuzinho Vermelho, no decorrer da história, passou por diversas versões, mas sempre com destaque à prevenção, ao cuidado. Esse cuidado, essa proteção que as Chapeuzinhos tanto necessitam. Essa inocência que deve ser cultivada. Para instigar o imaginário infantil e apresentar essa gama de versões que podem subsidiar o professor, propõe-se a temática “Chapeuzinho visita nossa sala”. Nesse contexto, cada semana é exposta uma versão do conto e, cada exposição é apresentada de forma diferente, e que realmente a personagem Chapeuzinho se faça presente. Logo que o professor ou alguém escolhido por este, personifique a personagem para que a criança se sinta próxima e aberta ao diálogo com a Chapeuzinho.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do desenvolvimento deste estudo foi possível analisar que a violência contra a criança está disseminada dentro da sociedade e que não basta somente a punição dos agressores, mas sim implantar na sociedade uma cultura de valores de respeito ao próximo.

O objetivo do artigo foi reconhecer que o conto da Chapeuzinho Vermelho sirva como suporte no combate à violência infantil, de forma que a criança se sinta confortável e segura para expor situações concretas de perigo.

Assim, constatou-se nesta pesquisa que na atualidade, assim como na Grécia antiga, a educação deve visar à formação do homem virtuoso, a fim de que possa viver em harmonia na sociedade. Nessa direção, a função social da escola é propiciar condições para que os alunos vivenciem situações de ensino-aprendizagem que possibilitem a elevação do juízo moral dos alunos, levando-os a refletir sobre a realidade que vivem.

Com a pesquisa e discussão bibliográfica, verificou-se que o conto Chapeuzinho Vermelho contribui para a formação de valores contra a violência infantil, pois, leva a criança a aprender de forma lúdica como se defender, como lidar com seus medos e, que é preciso refletir e, assim, levá-las a desenvolver a autonomia de pensamento em relação à violência que possam sofrer.

E ainda que, a criança encontre no professor a imagem do “caçador”, aquele que tem a oportunidade de salvá-la do “lobo mau”, já que na maioria das

vezes essas crianças não podem contar com seus pais, que são seus agressores.

Nesse contexto, percebeu-se também a importância do papel do professor e da escola para estarem preparados para essa demanda. É uma triste realidade, presente em todos os lugares e que necessita ser tratada com responsabilidade e sensibilidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Lucia Machado de. **O escaravelho do diabo**. Ilustrações: Mário Cafiero. 24. ed. (Vaga-lume). São Paulo: Ática, 2012.

AMARILHA, Marly. **Educação e Leitura**: Trajetórias de Sentidos. João Pessoa: 2002.

ARANTES, Ana Cristina. **Educação e história**; o renascimento e a educação jesuítica no Brasil Colônia, 2006. a. Disponível em: <http://www.anacrisarantes.pro.br/trabalhos/historia%20educacao%20jesuistica.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2020.

BOLLIS, Silvana. A educação como paideia: uma interrogação sobre o sentido da formação humana. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.21, n. esp., p.261-274, jul./dez. 2013.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. Tradução de Cássia Silveira e Denise Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 10 jan. 2021.

BRASIL. **Constituição (1988)**. **Constituição** da República Federativa do Brasil. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil/leis/L9985.htm>. Acesso em: 10 jan. 2021.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de Julho de 1990**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 10 jan. 2021.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil**: teoria, análise e didática. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999.

CORSO, Diana Liechtenstein; Mário. **Fadas no Divã**: psicanálise nas histórias infantis. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DANIELI, João Paulo; CATTELAN, Carla. A educação em Platão na obra a República. **Anais...** CONEDU, 2010. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2018/TRABALHO_EV117_MD1_SA4_ID5096_25082018103126.pdf. Acesso em: 10 de abr. 2021.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Contos dos Irmãos Grimm**. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

FREITAS, Charles Lamartine de Sousa. A influência da concepção de educação grega na constituição histórica da paideia cristã. **Filos. e Educ.**, Campinas, SP, v.10, n.2, p.287-309, maio/ago. 2018.

GARCIA, Alessandro Barreto. Educação em Aristóteles: vida, estrutura política e concepção educacional. **Cadernos de Pós-Graduação**. Educação, v.8, p.27-32, 2009.

GONÇALVES, Debora Souza Neves. **A importância da leitura nos anos iniciais escolares**. Monografia. 40 fls. Universidade do Estado do Rio de Janeiro Faculdade de Formação de Professores Departamento de Educação Curso de Pedagogia, São Gonçalo-RJ, 2013.

MELO, Taciana Soares Rosa; CORREA, Rosa Lydia Teixeira. Conceitos aristotélicos pertinentes à educação, e aos papéis do homem e da mulher na sociedade. **Anais XII Congresso Nacional de Educação Pontifícia Universidade Católica do Paraná**, 2013. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/anais2013/pdf/9057_6039.pdf Acesso em: 05 maio 2021.

OLIVEIRA, João Batista Araújo; CASTRO, Juliana Cabral Junqueira de. **Usando Textos na Sala de Aula: Tipos e Gêneros Textuais**. Brasília, DF: Instituto Alfa e Beto, 2007.

PENIDO, Anna. **Qual Aluno Queremos Formar?** Disponível em: <https://novaescola.org.br/bncc/conteudo/2/qual-aluno-queremos-formar#:~:text=BNCC%20quer%20formar%20jovens%20de,com%20desafios%20individuais%20e%20coletivos&text=O%20cap%C3%ADtulo%20introdut%C3%B3rio%20da%20Base,ir%C3%A1%20orientar%20as%20escolas%20brasileiras>. Acesso em: 04 abr. 2021.

PERRAULT, Charles. **Contos de Perrault**. São Paulo: Paulus, 2005.

RODRIGUES, Neidson. Educação: da formação humana à construção do sujeito ético. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 22, n. 76, p. 232-257, Oct. 2001.

ROQUE, Cássia Lina Bittencourt; CANEDO, Maria Luiza. **A importância do incentivo à leitura nos primeiros anos da infância**, 2013. Disponível em: <http://www.puc-rio.br/ensinopesq/ccq/download/seminariopibidsudeste201510cassiaroque.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2021.

SILVA, Cleber Fabiano. **Em busca do leitor literário: um passeio com Chapeuzinho Vermelho**. São Paulo: Esfera, 2013.

SIPIA. Sistema de Informação para a Infância e a Adolescência– Disponível em: <https://sipiaconselhotutelar.mdh.gov.br/relatorio/violacoes-por-direito-violado>. Acesso em: 14 fev. 2021.

SIQUIEROLI, Rosane Rocha Viola. Aristóteles: educação moral e a formação do caráter. **Revista Primordium**, v.3 n.5 jan./jul. -,2018.

VERONESE, Josiane Rose Petry; COSTA, Marlene Moraes da. **Violência Doméstica**: quando a vítima é uma criança ou adolescente-uma leitura interdisciplinar. Florianópolis: OAB/SC Editora, 2006.

VYGOTSKY, Lev Semenovich; LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Alex N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 5. ed. São Paulo: Ícone, 1988.

WINNICOTT, Donald Woods. **A criança e seu mundo**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1983.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global. 2002.